

VOZES FEMININAS NA LITERATURA DA DITADURA MILITAR

DEBORAH VIEIRA¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS²

¹*Universidade Federal de Pelotas – ddeborahvieira@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O regime militar brasileiro, compreendido entre os anos 1964 a 1985, e o argentino, de 1966 a 1973, deixaram marcas, não apenas aprisionando pessoas e censurando ideias, mas também privando do pertencimento social e político tantas outras vozes por meio do exílio. Dentre essas vozes caladas encontram-se as mulheres, que por diversas vezes não estavam no centro dos conflitos, mas eram sugadas para dentro dele por amigos e parentes. Este trabalho pretende refletir sobre as peculiaridades da literatura escrita por mulheres produzida no período das ditaduras brasileira e argentina e através disso apresentar um estudo realizado pelo viés de literatura e história, onde foram analisados dois livros: *Em estado de memória*, da escritora e jornalista argentina Tununa Mercado, lançado na Argentina em 1990 e no Brasil em 2011, e *Tropical sol da liberdade*, de 1988, da brasileira Ana Maria Machado, também escritora e jornalista.

2. METODOLOGIA

O estudo busca dialogar teórica e discursivamente estas narrativas de escrita feminina com o período histórico e social - a ebulição política e ditaduras na América Latina, tanto na Argentina, como no Brasil - em que estavam inseridas as obras e as autoras, além de analisar uma característica marcante nas duas obras: a marginalidade das autoras-personagens - ser mulher e estar à margem, tanto da sociedade, como das situações pessoais - e os momentos de exílio e pós-exílio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levando em conta que tanto a Literatura quanto a História tem algo em comum: são constituídas de material discursivo que, por diferentes processos, procuram recuperar o tempo passado. Podemos considerar que ambas são geradas através da subjetividade de seu escritor, no caso de um texto histórico, ou de seu narrador, em um texto literário. Esse escritor, ou o narrador, escreve através de uma perspectiva contextual, ou seja, através de sua ideologia, posição política e social.

Claro que nem todas as narrativas literárias perpassam por alguma questão histórica factual e, além disso, mesmo as narrativas literárias que expõem algum evento histórico não tem compromisso com a verdade. Uma obra literária tem liberdade de alterar os fatos, se atentando mais à verossimilhança do que à veracidade.

Apesar disso, a literatura contemporânea, em seu diálogo com a história, possibilita que a história seja narrada através de prismas distintos da chamada

história oficial, já que esta é feita predominantemente pelo vencedor, ou por alguém que possui certos privilégios na sociedade em questão. Deste modo, a história é narrada pela margem, como por exemplo a ótica feminina sobre as questões que envolveram o período ditatorial — que possivelmente seja uma ótica não considerada pela história oficial porque boa parte do que se diz respeito ao universo feminino foi reduzido ao âmbito do privado.

Dentro dessa questão é possível observar que mesmo dentro de uma polarização de dominado e dominador existem outras minorias — de representatividade e voz, não de número - que acabam por tomar uma posição tão marginal que são caladas e praticamente não levadas em consideração quando se traça um panorama histórico, como é o caso das vozes femininas. Esse silenciamento das mulheres faz com que a história seja narrada predominantemente a partir de um ponto de vista androcêntrico. Pontuando que a intenção não é considerar uma versão da história em detrimento de outra, mas entendê-las como complementares e como oportunidade de reconstrução da História a partir de outros pontos de vistas e, se tratando de mulheres, uma complementação de fragmentos ao âmbito do privado que marcaram toda uma geração.

Com isso em mente, este estudo pretende trazer à tona o que mulheres tem a dizer sobre o período de terror que viveram nas ditaduras, evento que afetou toda uma geração. A ditadura provocou profundas mudanças, não apenas no campo político, mas também afetou as rotinas domésticas, além de obrigar muitas destas mulheres a deixarem a vida em seu país e seguir rumo ao exílio.

É preciso repensar o cânone através de obras como estas, pois isso significa afirmar que a literatura e a história não são feitas unicamente pelo homem, e que mesmo que a estrutura social tenha mantido a ação de muitas mulheres ao âmbito do privado, estas ações foram muito importantes para os movimentos de resistência.

Quando se pensa na atuação das mulheres durante o período da ditadura, a questão torna-se mais interessante e complexa ao se considerar que essa atuação se deu tanto no campo da resistência política, quanto no da expressão artística. Essa articulação da política com a arte se opera em, pelo menos, três frentes de ação. Em uma primeira frente, ao se manifestar artisticamente, a escritora faz um movimento de resgatar a si própria, refletindo sobre a sua identidade, lugar e papel. Em uma segunda frente ela empodera outra mulher, ou seja, ela convoca a leitora a também fazer esse movimento de pensar a si mesma — tanto dela, leitora, para si mesma, como dela em relação ao seu contexto social e político, mostrando que ela também pode ter voz para se manifestar. E em uma terceira frente ela trava uma batalha de denuncia cultural e política, falando dos horrores com os quais conviveu — tanto por ser mulher, como por ser uma cidadã que sofria as duras penas da ditadura militar. É preciso valorizar a expressão destas mulheres que escrevem suas dores e seus horrores sofridos.

Um estudo sobre os livros didáticos distribuídos pelo MEC nas escolas públicas (MACHADO, 2010), apontou a pouca, ou quase nula, menção às mulheres do período da ditadura. Estudo este que encontrou até expressões como “os estudantes de esquerda que lutaram contra a ditadura brasileira eram “barbudos e cabeludos”, ignorando todo e qualquer envolvimento feminino de resistência contra a ditadura, nas suas mais variada formas. Se os apelos pela

diminuição destes esteriótipos de gênero ainda não chegaram aos livros didáticos (e também às outras formas de se narrar a história), a literatura já ecoa estas vozes — e nos convida a escutá-las.

4. CONCLUSÕES

Por fim, fica nítido o quanto a literatura pode contribuir para a sociedade e para a História, possibilitando novas óticas dos fatos, e, por conseguinte, novas formas de conhecer a história dolorida de nosso país. Principalmente ao que tange à esfera feminina, que sempre foi tão subjugada e desconsiderada, e que pudemos mostrar neste trabalho que, infelizmente, no que diz respeito à história das ditaduras da América Latina não foi diferente. É preciso dar voz a estas mulheres e ouvir os relatos que elas trazem, de si e de outras, e que apesar de não terem seus nomes estampados nos jornais e nos livros didáticos, travaram sua própria luta de resistência, que ia além de um status governamental, mas de um status social em que elas eram incluídas - ou excluídas.

Além disso, através de trabalhos como este pode-se valorizar e dar espaço na academia para as produções literárias aqui estudadas: *Tropical sol da liberdade*, de Ana Maria Machado, e *Em estado de memória*, de Tununa Mercado, e que estas possam abrir portas para outras produções literárias escritas por mulheres que por tantas vezes acabam marginalizadas, mas que tem tanto a dizer em suas complexidades dos momentos vividos por si mesma, por outras mulheres e que muitas vezes tocam dados factuais de nossa história.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO, A. M.. **Tropical sol da liberdade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MACHADO, V.. Memória e livros didáticos: as mulheres contra a ditadura. **ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL - TESTEMUNHOS: HISTÓRIA E POLÍTICA**. Recife, 2010. Centro de Filosofia e Ciências Humanas (UFPE)

MERCADO, T.. **Em estado de memória**. Rio de Janeiro: Record, 2011.